

Roberto Freire, o homem enfrentando o sistema

O escritor e terapeuta Roberto Freire está na Ilha ministrando uma maratona

Ludmila Souza

Ame e dê vexame, pois sem tesão não há solução. Para colocar tudo isso em prática, o escritor e terapeuta Roberto Freire (não confundir com o deputado federal pelo PCB) está mais uma vez em Florianópolis, onde ministra uma maratona de Somaterapia neste final de semana. Autor de sucessos como "Ame e dê vexame" e "Sem Tesão não há Solução", Freire vem fazendo essas viagens por todo o Brasil há 10 anos, instalando as maratonas vivenciais (que depois se transformam em terapias com duração de um ano), e agora prepara-se para se dedicar mais à literatura do que à ciência.

Estou com a sensação do dever cumprido", diz ele, que se embrenhou por diferentes campos como o teatro, o cinema e a literatura, além da medicina, psicologia e terapia. Embora não considere uma passagem para a aposentadoria como terapeuta, Roberto Freire quer agora dedicar-se à literatura, e já no mês que vem lança o primeiro volume de seu livro "Histórias Curtas e Grossas" — o segundo volume sai em agosto. Seu maior projeto, contudo, é um romance em quatro volumes, chamado "Os cúmplices", no qual pretende contar a história de sua geração. "Durante toda minha vida venho fazendo anotações para esse livro", revela.

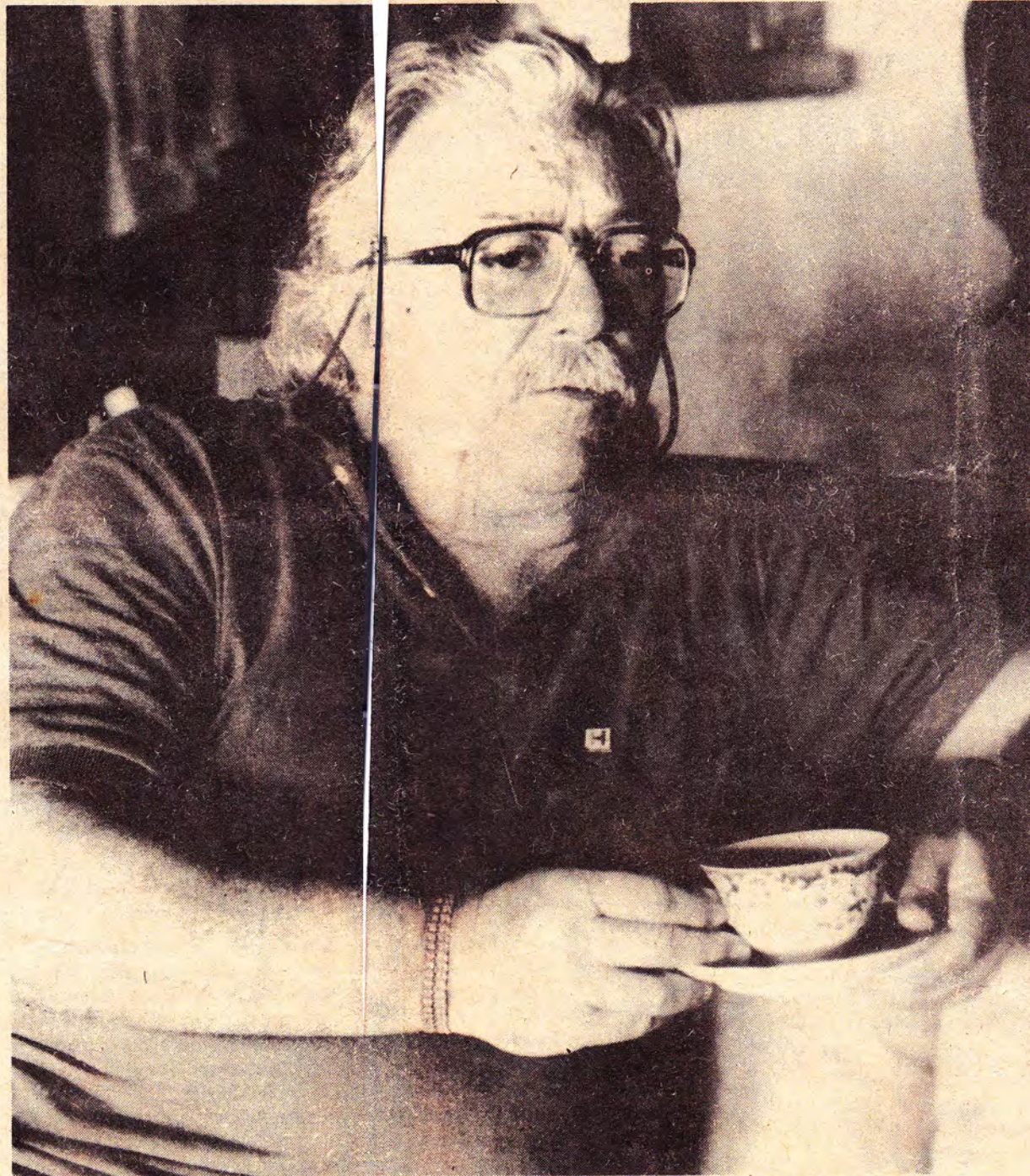
Devido ao grande sucesso de seus livros, Roberto Freire já é bastante conhecido como terapeuta. Seu método é baseado em Wilhelm Reich, o discípulo de Freud que ultrapassou o mestre

ao provar que as neuroses se instalam no corpo, e mais: podem ser provocadas por fatores externos, como conflitos de família. O indivíduo neurótico cria tensões corporais (chamadas de contrações), que bloqueiam a circulação de energias vitais. O trabalho de Roberto Freire se dedica a relaxar as áreas tensas do corpo, para que essas energias voltem a circular.

"É uma terapia explicitamente política, acrescenta Freire, explicando que essas neuroses têm origem no autoritarismo capitalista burguês, e são atacadas pela proposta anarquista. "A terapia convencional pretende adaptar o sujeito ao sistema, enquanto a somaterapia pretende que a pessoa encare e enfrente o sistema", resume. O trabalho sempre integra a mente ao corpo, e a vivência a ser feita no final de semana consiste de explicações teóricas e exercícios de expressão corporal.

Assim como integra teoria e prática, Freire sempre procurou a integração entre arte e ciência. "Nos meus romances, sempre há um ingrediente científico, assim como na terapia há alguma coisa de arte", avalia. Mas é à arte que esse morador da Ilha Bela, no litoral de São Paulo, pretende se dedicar. Em "Os cúmplices" (com quatro volumes), Roberto Freire vai mexer com informações colhidas ao longo dos últimos 20 anos, em que viu emergir a década de 60 e o período da ditadura, durante o qual foi ativo militante da Ação Popular, grupo esquerdista de inspiração marxista.

Hoje declaradamente anarquista, Freire diz que sua militância continua ativa, na conscientização popular e apoio a movimentos, sobretudo os ecológi-



Cada vez mais, Roberto Freire se afasita das terapias vivenciais e se dedica com mais afinco aos livros

cos. "Tenho horror de partidos, que são muitos autoritários. Nós, anarquistas, sempre pregamos o voto nulo, pois as eleições

são injustas, ao esmagar a vontade da minoria por causa de uma maioria", prega. Apesar disso, diz ter o maior respeito por

seu homônimo, deputado federal do PCB que há dois anos se candidatou à Presidência da República.

Somaterapia, uma maratona para o desbloqueamento

A maratona de somaterapia será desenvolvida nos dias 18 e 19, das 15 às 21 horas, na Escola Técnica Federal (Rua Mauro Ramos, 150 - Centro). As inscrições custam Cr\$ 12 mil, e podem ser feitas na loja Segunda Pele, à travessa Carreirão nº 7, no Centro, perto da Beira-Mar Norte. Não há qualquer pré-requisito para os interessados, que podem obter mais informações pelo telefone 22-8672, com Rosângela.

Além da parte teórica, a maratona também é composta por exercícios práticos, sempre em grupo. É um trabalho corporal com jogos, danças e vivências ("São muito divertidos e gostosos", adianta Roberto Freire), que exercita a sensibilidade e estimula a criatividade. Os terapeutas (Freire e um assistente), detectam através dos exercícios, os conflitos e áreas tensas. O grupo todo discute o que viu e sentiu, e tem início o trabalho de desbloqueamento.

A terapia propriamente dita é desenvolvida durante um ano, num fim de semana por mês. Após esse período (em que, segundo Freire, a própria natureza faz 90% do trabalho, e o terapeuta, 10%), a pessoa adquire competência para sozinha partir para a auto-análise. "Também somos contra a dependência em relação ao terapeuta", ressalta Roberto Freire. Durante a terapia, Roberto Freire alterna suas vindas às sessões com um assistente. E não esconde o motivo: a maior dedicação que pretende imprimir à literatura.